

# **PALAVRAS, GÊNERO E EDUCAÇÃO: ANÁLISE DA POLISSEMIA DE “PRINCESA” E “HERÓI” EM FILMES DA DISNEY**

*WORDS, GENDER AND EDUCATION: ANALYSIS OF THE POLYSEMY OF “PRINCESS” AND “HERO” IN DISNEY FILMS*

Gilmara dos Santos Silva<sup>1</sup>

## **Resumo**

Esta pesquisa investiga a polissemia das palavras “princesa” e “herói” em narrativas de filmes da Disney, com o objetivo de compreender como esses termos refletem, organizam e perpetuam representações de gênero que influenciam a percepção infantil sobre identidade, poder e papéis sociais. Parte-se do pressuposto de que a linguagem, longe de ser neutra, atua como prática social que produz e naturaliza sentidos culturalmente situados. A fundamentação teórica apoia-se nas contribuições de bell hooks, no que se refere à crítica às estruturas de dominação sexista, e de Davis, a partir da perspectiva interseccional, articulando gênero, raça e classe na análise das representações culturais. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, estruturada em revisão teórica e análise lexical dos termos “princesa” e “herói”, com base em definições dos dicionários online Michaelis e Priberam. Os dados foram organizados em quadros analíticos, permitindo identificar a distribuição dos sentidos em diferentes esferas semânticas e sua expansão para usos figurados na linguagem cotidiana. Os resultados evidenciam uma assimetria significativa: “herói” associa-se predominantemente à ação, ao protagonismo e à valorização social, enquanto “princesa” se vincula a dimensões institucionais, estéticas e afetivas, frequentemente relacionadas à aparência, à posição social e à idealização. Conclui-se que a polissemia constitui um mecanismo ativo na construção de imaginários sociais de gênero, reforçando a necessidade de práticas de letramento feminista que promovam uma leitura crítica da linguagem e contribuam para uma educação linguística mais equitativa e socialmente consciente.

**Palavras-chave:** Polissemia. Gênero. Letramento feminista. Educação. Linguagem e poder.

## **Abstract**

This study investigates the polysemy of the words “princess” and “hero” in Disney film narratives, aiming to understand how these terms reflect, organize, and perpetuate gender representations that shape children’s perceptions of identity, power, and social roles. It is

---

<sup>1</sup>Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Especialista em Teoria da Literatura e Produção de Texto pela Faculdade Iguaçu. Graduada em Letras e em Administração. Professora de Língua Portuguesa, pesquisadora na área de Linguística Aplicada, com ênfase em educação linguística, letramento feminista e estudos de gênero. Vinculada à UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas. Candeias, Bahia, Brasil. E-mail: gssilva@aluno.unilab.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-1069-8504>.

based on the assumption that language is not neutral, but rather a social practice that produces and naturalizes culturally situated meanings. The theoretical framework draws on the contributions of bell hooks, particularly her critique of sexist structures of domination, and Davis, from an intersectional perspective that articulates gender, race, and class in the analysis of cultural representations. The research adopts a qualitative approach, structured through theoretical review and lexical analysis of the terms “princess” and “hero,” based on definitions from the online Michaelis and Priberam dictionaries. The data were organized into analytical tables, allowing the identification of the distribution of meanings across different semantic domains and their expansion into figurative uses in everyday language. The results reveal a significant asymmetry: “hero” is predominantly associated with action, protagonism, and social valorization, while “princess” is linked to institutional, aesthetic, and affective dimensions, often related to appearance, social position, and idealization. It is concluded that polysemy operates as an active mechanism in the construction of gendered social imaginaries, reinforcing the need for feminist literacy practices that promote critical language awareness and contribute to a more equitable and socially conscious linguistic education.

**Keywords:** Polysemy. Gender. Feminist literacy. Linguistic education. Language and power.

## Introdução

A linguagem participa ativamente da organização simbólica da realidade social, uma vez que, por meio das palavras, produzem-se sentidos que organizam modos de perceber o mundo, os sujeitos e as relações sociais (hooks, 2000). Nesse processo, o léxico não apenas nomeia a realidade, mas também participa da construção simbólica de valores, identidades e hierarquias culturais. Como alerta hooks (2000), o feminismo é a luta contra o sexismo e a dominação sexista em todas as suas formas, o que implica reconhecer a linguagem como espaço de produção e reprodução dessas estruturas. Assim, palavras recorrentes em narrativas culturais e midiáticas carregam significados historicamente sedimentados, refletindo e perpetuando imaginários sociais sobre gênero e poder (Davis, 2016).

Entre os diversos discursos que circulam socialmente, as narrativas audiovisuais destinadas ao público infantil exercem forte influência na formação de percepções sobre identidade, comportamento e papéis sociais. Nesse contexto, as produções cinematográficas da The Walt Disney Company ocupam lugar de destaque na cultura global, difundindo histórias que, ao longo de décadas, consolidaram personagens e arquétipos amplamente reconhecidos, como as figuras da princesa e do herói. Esses personagens extrapolam sua função narrativa, configurando-se como modelos simbólicos que dialogam com expectativas

culturais acerca do masculino — associado à ação e ao protagonismo — e do feminino — frequentemente vinculado à beleza e à passividade —, contribuindo para a naturalização de assimetrias de gênero (Davis, 2016).

A recorrência dessas figuras nas narrativas da Disney suscita questionamentos acerca dos sentidos associados às palavras que as nomeiam. Termos como “princesa” e “herói”, aparentemente simples, revelam múltiplos significados que variam conforme contextos culturais, discursivos e históricos. Tal característica evidencia o caráter polissêmico da linguagem, no qual um mesmo significante mobiliza diferentes sentidos, construindo imaginários sociais sobre gênero, poder e identidade, como afirmam Pietroforte e Lopes (2004, p. 111): “na polissemia, a um único significante correspondem vários significados”.

Diante desse cenário, este artigo investiga a polissemia das palavras “princesa” e “herói” em narrativas de filmes da Disney, com o objetivo de compreender de que maneira esses termos refletem e perpetuam representações de gênero que influenciam a percepção infantil acerca de papéis sociais. Além disso, discute-se como práticas de letramento feminista podem contribuir para a leitura crítica dessas representações no contexto educacional (hooks, 2013).

Para alcançar esse objetivo, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, articulando revisão teórica sobre linguagem, gênero e educação com a análise lexical dos termos “princesa” e “herói”, a partir de definições lexicográficas — como as dos dicionários online Michaelis e Priberam — e de usos discursivos que evidenciam seus múltiplos sentidos. Ao explorar essas dimensões, busca-se demonstrar como a linguagem opera na legitimação de determinados padrões culturais e como a educação linguística pode atuar na problematização desses discursos, promovendo a construção de identidades mais críticas e socialmente equitativas.

O artigo está organizado em seis seções. Após esta introdução, a seção 1 discute as relações entre linguagem, poder e gênero, com base em aportes teóricos dos estudos feministas e da análise discursiva. A seção 2 aborda o conceito de polissemia e a organização do léxico, enfatizando a natureza dinâmica e culturalmente situada dos significados. Na seção 3, apresenta-se a metodologia da pesquisa, detalhando os procedimentos de análise lexical e as fontes utilizadas. A seção 4 desenvolve a análise e discussão dos dados, evidenciando as assimetrias semânticas entre os termos “princesa” e “herói” e suas implicações culturais e educacionais, incluindo a subseção 4.1, na qual se aprofundam as implicações pedagógicas dessas assimetrias. Na seção 5, discute-se o letramento feminista como proposta para a problematização crítica desses sentidos no ensino de língua

portuguesa. Por fim, a seção 6 apresenta as considerações finais, sintetizando os principais resultados do estudo e apontando caminhos para uma educação linguística comprometida com a equidade e a transformação social.

## **1 Linguagem, poder e gênero**

A linguagem constitui um dos principais mecanismos por meio dos quais se constroem e se reproduzem relações de poder na sociedade. Longe de ser um sistema neutro de comunicação, ela participa da estruturação discursiva da realidade social, influenciando formas de percepção, classificação e interpretação do mundo (Foucault, 2007). Nesse sentido, os discursos que circulam em diferentes esferas sociais contribuem para a formação de imaginários coletivos e para a consolidação de normas culturais que orientam comportamentos e identidades, naturalizando hierarquias de gênero desde a infância.

No debate contemporâneo, diversos estudos têm evidenciado que as representações linguísticas e culturais desempenham papel central na construção e na manutenção de desigualdades sociais. Para bell hooks (2000), o feminismo deve ser compreendido como um movimento político e intelectual voltado ao enfrentamento do sexismo e das estruturas de opressão que organizam a sociedade patriarcal. A autora ressalta que tais estruturas não se restringem às instituições formais, sendo continuamente reproduzidas por práticas discursivas cotidianas que naturalizam papéis rigidamente atribuídos a homens — associados ao protagonismo e à ação — e a mulheres — frequentemente vinculadas à beleza e à passividade.

Em diálogo com essa perspectiva, Davis (2016) argumenta que as relações de gênero não podem ser analisadas de forma isolada, uma vez que se articulam a outras dimensões estruturais da desigualdade, como raça e classe social. Ao propor a interseccionalidade como chave analítica, a autora evidencia que essas categorias se entrelaçam na produção de diferentes formas de exclusão e hierarquização, inclusive nas narrativas culturais. Compreender os discursos que circulam socialmente implica, portanto, reconhecer que a linguagem pode tanto reforçar quanto tensionar essas estruturas.

Butler (2003) radicaliza essa perspectiva ao propor o gênero como efeito da linguagem, e não sua causa, ao afirmar que “não existe gênero anterior aos atos discursivos que o constituem” (Butler, 2003, p. 147). Nessa perspectiva, as identidades de gênero não são dadas, mas produzidas e reiteradas por meio de práticas linguísticas e culturais.

Complementarmente, Connell (2016) analisa como determinadas formas de masculinidade se tornam hegemônicas, sendo constantemente reafirmadas em narrativas midiáticas. No caso das produções voltadas ao público infantil, como as da Disney, observa-se a recorrência de personagens em que o “herói” encarna agência, força e protagonismo, enquanto a “princesa” é frequentemente associada à delicadeza, à estética e à dependência emocional.

No campo educacional, Chamorro (2020), em sua obra *Letramento feminista na escola: práticas críticas para a educação*, propõe o letramento feminista como prática pedagógica voltada à desconstrução desses arquétipos por meio da análise crítica da linguagem. Tal abordagem compreende a educação como espaço de resistência, capaz de problematizar sentidos naturalizados e promover leituras mais conscientes das representações sociais. Essa perspectiva torna-se especialmente relevante quando se consideram as narrativas midiáticas infantis, que contribuem significativamente para a formação de modelos de comportamento e identidades socialmente valorizadas.

Personagens como princesas e heróis, amplamente difundidos em narrativas culturais, configuram-se como arquétipos que dialogam diretamente com expectativas sociais acerca de feminilidade — associada à delicadeza, à beleza e à espera — e de masculinidade — vinculada à coragem, ao protagonismo e à resolução de conflitos. Desse modo, analisar os sentidos associados a essas figuras, à luz de conceitos como polissemia, performatividade e masculinidades hegemônicas, permite compreender como linguagem e cultura operam na construção de imaginários sociais de gênero, evidenciando a necessidade de intervenções educativas críticas (Butler, 2003; Chamorro, 2020; Connell, 2016).

Nesse horizonte, torna-se fundamental aprofundar a compreensão do funcionamento do léxico, especialmente no que se refere à multiplicidade de sentidos que uma mesma palavra pode assumir em diferentes contextos. Assim, o tópico a seguir discute o conceito de polissemia, evidenciando como os significados se organizam e se expandem no interior da língua, constituindo um elemento central para a análise dos termos “princesa” e “herói”.

## **2 Polissemia e organização do léxico**

Compreender os sentidos associados às palavras implica reconhecer que o léxico das línguas naturais é dinâmico, vivo e profundamente atravessado pela experiência social. Longe de constituir um repertório fixo de significados, o léxico se organiza como um sistema

em constante transformação, no qual as palavras se ressignificam à medida que circulam em diferentes contextos históricos, culturais e discursivos (Mourão, 2018). Nesse movimento, os sentidos não estão prontos nas palavras: eles se constroem nas relações que os sujeitos estabelecem com a linguagem.

É nesse cenário que se destaca a polissemia, um dos fenômenos mais expressivos do funcionamento semântico. De acordo com Pietroforte e Lopes (2004, p. 111), a polissemia ocorre quando “um mesmo significante está associado a múltiplos significados que se relacionam entre si dentro de um sistema semântico”. Essa multiplicidade não é aleatória, mas organizada, revelando que os sentidos de uma palavra se conectam e se expandem conforme usos e experiências sociais.

Nessa direção, Mourão (2018), a partir de uma perspectiva cognitiva, propõe compreender a polissemia como uma rede radial de significados, estruturada a partir de um núcleo prototípico que se desdobra em extensões metafóricas. Assim, um termo como “herói”, inicialmente associado ao campo mitológico, passa a designar, em contextos cotidianos, sujeitos comuns que realizam atos considerados admiráveis. Esse deslocamento evidencia como a linguagem incorpora valores culturais e afetivos, ampliando continuamente seu campo semântico.

A polissemia, portanto, não apenas evidencia a complexidade do léxico, mas também revela seu caráter profundamente social. Essa sensibilidade do léxico à incorporação de sentidos figurados, como observa Castilho (2006) em relação ao português brasileiro, torna-se especialmente relevante quando esses sentidos carregam marcas ideológicas. Nessa mesma perspectiva, Paes de Barros (2015) destaca que o léxico também funciona como espaço de reprodução de ideologias de gênero, na medida em que certos termos passam a carregar, em seus usos, expectativas sociais naturalizadas — como ocorre com a palavra “princesa”, frequentemente associada à delicadeza, à beleza e à passividade.

No caso dos termos “princesa” e “herói”, a análise polissêmica permite observar como seus sentidos extrapolam os significados institucionais — realeza e mitologia — e se expandem para usos figurados na linguagem cotidiana. Esses novos sentidos não são neutros: incorporam avaliações sociais, atributos morais e expectativas culturais que contribuem para a construção de modelos de feminilidade e masculinidade. Assim, enquanto “herói” tende a se associar à ação, à coragem e ao protagonismo, “princesa” frequentemente se vincula a dimensões estéticas, afetivas e posicionais, refletindo e reforçando assimetrias de gênero presentes no imaginário social.

Desse modo, investigar a organização polissêmica desses termos permite compreender não apenas o funcionamento do léxico, mas também o modo como a linguagem constitui a produção e a circulação de representações sociais. Ao evidenciar que os sentidos são historicamente construídos e culturalmente situados, abre-se espaço para sua problematização, especialmente no contexto educacional, em que a reflexão sobre a linguagem pode contribuir para a formação de sujeitos mais críticos e conscientes.

Nesse sentido, o tópico a seguir apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa, detalhando os procedimentos adotados para a análise lexical dos termos “princesa” e “herói”, bem como as fontes e critérios que orientaram a investigação.

### **3 Metodologia**

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de caráter interpretativo, voltado à análise das relações entre linguagem, cultura, representações de gênero e educação em narrativas midiáticas da Disney. A abordagem qualitativa mostra-se adequada ao objetivo do estudo, pois permite investigar os sentidos atribuídos às palavras em diferentes contextos discursivos, considerando não apenas seus significados lexicográficos, mas também os valores culturais, sociais e ideológicos que atravessam seu uso (Pietroforte; Lopes, 2004).

O corpus da pesquisa é constituído pelas palavras “princesa” e “herói”, selecionadas em função de sua recorrência em narrativas audiovisuais da Disney e de sua relevância simbólica na construção de personagens associados a modelos de feminilidade e masculinidade. A escolha desses termos justifica-se por seu potencial de evidenciar como o léxico participa da produção de imaginários sociais que influenciam a formação de identidades, especialmente no público infantil e juvenil.

O procedimento de análise foi organizado em três etapas complementares. Na primeira etapa, realizou-se o levantamento das definições lexicográficas das palavras “princesa” e “herói” em dois dicionários de referência da língua portuguesa: o Dicionário Michaelis e o Dicionário Priberam. Essa etapa teve como objetivo identificar os diferentes sentidos atribuídos aos termos, bem como observar suas variações semânticas e possíveis recorrências entre as fontes consultadas.

Na segunda etapa, procedeu-se à sistematização dessas definições em quadros analíticos, nos quais os sentidos foram organizados em eixos semânticos, tais como dimensão institucional, simbólica, avaliativa e social. Essa organização permitiu visualizar a estrutura polissêmica dos termos, evidenciando como seus significados se distribuem e se relacionam no interior do léxico.

Na terceira etapa, os dados lexicais foram interpretados à luz de exemplos de uso em contextos discursivos e articulados ao referencial teórico adotado. Essa análise buscou compreender de que maneira os sentidos identificados se manifestam em práticas linguísticas cotidianas e em narrativas culturais, especialmente nas produções da Disney, nas quais os termos “princesa” e “herói” assumem funções simbólicas relevantes.

A interpretação dos dados foi orientada por uma triangulação metodológica que articula três dimensões: (i) a análise lexicográfica, baseada nas definições dos dicionários; (ii) a análise discursiva dos usos dos termos; e (iii) o diálogo com a teoria crítica, especialmente os estudos feministas e de gênero, a partir das contribuições de bell hooks (2000), Angela Davis (2016), Judith Butler (2003) e Raewyn Connell (2016). Essa triangulação possibilita uma leitura mais abrangente dos dados, ao integrar descrição linguística e interpretação sociocultural.

Por meio desse percurso metodológico, busca-se compreender como os sentidos associados a “princesa” e “herói” refletem e, ao mesmo tempo, produzem imaginários sociais historicamente construídos, contribuindo para a legitimação de papéis de gênero como naturais. Ao explicitar esses processos, a pesquisa também aponta para a possibilidade de intervenções pedagógicas críticas, especialmente no âmbito do letramento feminista, ao evidenciar o papel da linguagem na reprodução — e na potencial transformação — de estereótipos culturais.

Ao final, ressalta-se que essa abordagem não pretende esgotar os sentidos possíveis dos termos analisados, mas oferecer uma leitura situada, capaz de evidenciar a relação entre léxico, cultura e poder. Nesse sentido, o tópico seguinte apresenta a análise e discussão dos dados, na qual se exploram, de forma mais detalhada, as estruturas polissêmicas identificadas e suas implicações para a compreensão das representações de gênero.

#### **4 Análise e discussão dos dados**



A análise lexical das palavras “herói” e “princesa” confirma sua natureza polissêmica, evidenciando que seus múltiplos sentidos se organizam em redes semânticas que refletem e, ao mesmo tempo, produzem imaginários culturais de gênero (Pietroforte; Lopes, 2004). Com base nas definições dos dicionários Michaelis e Priberam, identificaram-se dimensões institucionais, simbólicas e avaliativas que não apenas descrevem usos linguísticos, mas também revelam valores historicamente sedimentados. Nesse sentido, a articulação com os aportes teóricos de bell hooks (2000), Angela Davis (2016) e Judith Butler (2003) permite compreender como tais estruturas semânticas operam na reprodução de desigualdades de gênero, apresentando-as como naturais desde a infância.

O Quadro 1 a seguir sistematiza as definições de “herói” e “princesa” nos dicionários Michaelis e Priberam, organizando os sentidos registrados em cada fonte para posterior análise comparativa.

**Quadro 1** – “Herói” e “princesa” nos dicionários de língua portuguesa (Priberam e Michaelis)

Palavra	Dicionário Priberam	Dicionário Michaelis
<b>Herói</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filho da união de divindade e humano; semideus.</li> <li>2. Homem divinizado após a morte; semideus.</li> <li>3. Homem que se notabiliza por feitos guerreiros ou atos de grande coragem.</li> <li>4. Indivíduo que se distingue por seus feitos.</li> <li>5. Personagem principal de obra de ficção; protagonista.</li> <li>6. Indivíduo por quem se tem enorme admiração; ídolo.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pessoa de grande coragem ou autora de grandes feitos.</li> <li>2. [Mitologia] Personagem nascida de um ser divino e de outro mortal.</li> <li>3. Personagem principal.</li> <li>4. Pessoa ou personagem de ficção com atributos físicos ou morais muito positivos.</li> <li>5. Pessoa que provoca admiração.</li> <li>6. Pessoa que é o centro das atenções.</li> <li>7. [Depreciativo] Pessoa que se destaca por proceder escandaloso ou incorreto.</li> </ol>
<b>Princesa</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Esposa de príncipe.</li> <li>2. Filha de rei, imperador ou príncipe.</li> <li>3. Soberana de um principado.</li> <li>4. Membro do sexo feminino de família reinante.</li> <li>5. Menina ou mulher de muita beleza e graciosidade.</li> <li>6. Menina ou mulher que apresenta grande altivez; altiva, convencida.</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Herdeira presumitiva de uma coroa.</li> <li>2. Filha ou mulher de um príncipe.</li> <li>3. Filha de família reinante.</li> <li>4. Soberana de um principado.</li> <li>5. [Por extensão] Soberana, rainha, imperatriz.</li> <li>6. [Figurado] A primeira e mais distinta e excelente pessoa ou coisa personalizada.</li> </ol>

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Priberam (2026) e Michaelis (2026).

A sistematização apresentada acima no Quadro 1 explicita a organização polissêmica dos termos em dois repertórios lexicográficos relevantes, evidenciando regularidades semânticas que ultrapassam a descrição linguística e se inscrevem no campo cultural. Observa-se que, embora ambos os termos apresentem um núcleo de sentido institucional — mitológico, no caso de “herói”, e monárquico, no caso de “princesa” —, suas expansões semânticas seguem direções distintas, revelando assimetrias significativas.

No caso de “herói”, há uma predominância de sentidos orientados para a ação, a coragem e o protagonismo. Os dicionários registram, inicialmente, o sentido mitológico (semideus), que se desdobra em extensões relacionadas a feitos extraordinários, bravura e reconhecimento social. Tal progressão — do domínio mítico ao social — confirma a organização radial proposta por Mourão (2018), na qual um significado prototípico se expande para usos figurados socialmente valorizados. Dessa forma, “herói” consolida-se como uma categoria semântica associada à agência, marcada por ação transformadora e visibilidade pública.

Em contraste, o termo “princesa” apresenta uma organização semântica que privilegia atributos posicionais e descritivos. Embora seu núcleo institucional esteja relacionado à realeza e à linhagem, suas extensões figuradas concentram-se em características estéticas e comportamentais, como beleza, delicadeza e graciosidade. Ademais, identificam-se sentidos avaliativos que podem assumir conotação pejorativa, como aqueles que associam “princesa” a atitudes de altivez ou comportamento mimado. Essa configuração aponta para uma semântica orientada ao “ser”, e não ao “agir”, evidenciando uma diferença estrutural em relação ao termo “herói”.

Essa assimetria não é apenas linguística, mas ideológica. Enquanto “herói” se organiza em torno da ação e do protagonismo, “princesa” é definida majoritariamente por atributos estéticos e posicionais. À luz de Butler (2003), tal diferença pode ser compreendida como efeito da performatividade de gênero, na medida em que a linguagem opera por meio da repetição e da construção como naturais de papéis sociais historicamente construídos. De modo complementar, Connell (2016) permite interpretar essa oposição como expressão de masculinidades hegemônicas, que privilegiam agência, força e liderança, em contraste com representações femininas associadas à passividade e à aparência.

**Quadro 2** – Comparação da organização polissêmica de “herói” e “princesa” (Michaelis x Priberam)

Palavra	Esfera política / institucional	Esfera mítica	Esfera da ação	Esfera estética	Esfera avaliativa / social
Herói (Michaelis)	—	Personagem de origem divina (mitologia)	Pessoa de grande coragem; autor de feitos	—	Pessoa admirada; protagonista
Herói (Priberam)	—	Semideus; filho de divindade e humano	Homem que se destaca por feitos e bravura	—	Indivíduo admirado; personagem central
Princesa (Michaelis)	Filha de rei; membro da	—	—	Mulher bonita	Pessoa distinta; comportamento

	realeza				altivo
Princesa (Priberam)	Filha de rei; membro da família reinante	—	—	Mulher graciosa	Pessoa admirada; figura idealizada

**Fonte:** Elaborado pela autora com base em Priberam (2026) e Michaelis (2026).

O Quadro 2 retoma as categorias analíticas do Quadro 1 e sintetiza, de forma comparativa, a distribuição dos sentidos de “herói” e “princesa” nos dicionários Michaelis e Priberam. Observa-se que, em ambos, o termo “herói” concentra-se nas esferas mítica, da ação e avaliativa/social, enquanto “princesa” se organiza predominantemente nas esferas política/institucional, estética e avaliativa. Essa distribuição evidencia uma orientação semântica distinta: enquanto “herói” é estruturado em torno da ação e do protagonismo, “princesa” se vincula, majoritariamente, à posição social e a atributos descritivos.

Tal distinção revela que os sentidos não se distribuem de forma neutra no léxico, mas são orientados por valores culturais que hierarquizam formas de existência e atuação social. Do ponto de vista educacional, esses dados reforçam que a polissemia não constitui um fenômeno meramente linguístico, mas um espaço de inscrição de ideologias. Como argumenta bell hooks (2000), a linguagem configura-se como instância ativa na reprodução de estruturas de dominação, contribuindo para a normalização de expectativas diferenciadas para meninos e meninas. Nesse sentido, a recorrência de sentidos associados à ação no termo “herói” favorece a internalização de modelos de masculinidade ativa e salvadora, enquanto a ênfase em atributos estéticos e posicionais em “princesa” tende a reforçar padrões de feminilidade vinculados à aparência, ao reconhecimento social e, frequentemente, à passividade. Assim, o léxico atua como dispositivo simbólico que orienta modos de ser e de agir, especialmente em contextos formativos.

Essa leitura torna-se ainda mais complexa quando considerada sob a perspectiva interseccional proposta por Davis (2016). Os sentidos associados à figura da “princesa”, frequentemente relacionados a ideais de beleza e status social, dialogam com padrões eurocêntricos que excluem meninas racializadas e de classes populares, evidenciando que a linguagem também opera na reprodução de desigualdades de raça e classe.

Dessa forma, a análise evidencia que a estrutura polissêmica desses termos contribui para a consolidação de imaginários sociais que associam masculinidade à ação e feminilidade à aparência e à posição. Tal constatação reforça a importância de práticas de letramento feminista no ensino de língua portuguesa, capazes de problematizar esses

sentidos e promover uma leitura crítica da linguagem. Ao deslocar o olhar do uso naturalizado para sua dimensão ideológica, a educação linguística pode transformar a análise lexical em ferramenta de conscientização, contribuindo para a construção de identidades mais críticas, plurais e socialmente equitativas.

#### **4.1 Assimetria e implicações pedagógicas**

O quadro evidencia a polissemia como traço estrutural do léxico: um mesmo termo concentra múltiplos sentidos que se organizam em torno de eixos semânticos culturalmente estabilizados. No caso analisado, observa-se que “herói” se organiza predominantemente em torno da ação e da mitologia — feitos, bravura, protagonismo e admiração pública —, enquanto “princesa” desloca-se do sentido institucional para dimensões estéticas, afetivas e comportamentais — beleza, distinção e altivez.

Há, portanto, uma assimetria semântica significativa: “herói” é definido sobretudo pelo que faz, ao passo que “princesa” é frequentemente definida pelo que é. O léxico, assim, não apenas registra sentidos, mas também cristaliza imaginários sociais, contribuindo para a incorporação de papéis de gênero como naturais. Essa assimetria torna-se ainda mais evidente quando se observam usos cotidianos da palavra “princesa” em enunciados da linguagem comum. A título de ilustração, apresentam-se a seguir enunciados construídos com base em padrões discursivos recorrentes na linguagem cotidiana, que evidenciam diferentes ativações semânticas do termo:

a) Você é minha princesa não apenas por ser minha filha, mas por sua bondade, generosidade e amor sem limites.

b) Minha irmã é tão linda, uma autêntica princesa e tem até ar de inteligente... quando está ao meu lado, é claro.

c) Você é a princesa do dia, a rainha da noite e a dona do meu coração.  
Bons sonhos, meu amor!

d) As princesas só esperam pela ajuda de príncipes em contos de fada.  
Na vida real, elas têm que sair de seus caixões e se virar sozinhas.

e) Princesa que é princesa corre atrás do seu final feliz com muita força e dedicação.

f) Chamar de princesa é fácil, quero ver é tratar como uma.

A análise desses enunciados revela a ativação de diferentes dimensões semânticas. Nos exemplos (a) e (c), “princesa” assume valor afetivo e idealizado, associado ao carinho, à proteção e à valorização emocional. Em (b), observa-se a associação direta com atributos estéticos, ainda que atravessada por um tom irônico que tensiona o elogio. Nos exemplos (d) e (e), há um movimento de ressignificação do termo, no qual se busca deslocar a ideia de passividade para uma noção de agência feminina — embora essa agência ainda se vincule ao imaginário do “final feliz”, típico das narrativas tradicionais. Por fim, em (f), evidencia-se uma dimensão normativa, na qual “princesa” funciona como ideal de tratamento, reforçando expectativas de cuidado e valorização diferenciada.

Esses usos confirmam que a polissemia de “princesa” se organiza majoritariamente em torno de atributos identitários, afetivos e estéticos, mesmo quando há tentativas de reconfiguração em direção à ação. À luz de Butler (2003), tais recorrências discursivas podem ser compreendidas como práticas de performatividade de gênero, nas quais a repetição de determinados sentidos contribui para a estabilização de modelos de feminilidade.

Em contraste, o termo “herói”, em seus usos sociais, tende a manter sua associação com feitos, coragem e intervenção ativa, o que reforça a leitura de Connell (2016) sobre a centralidade da agência na construção das masculinidades hegemônicas.

Essa oposição semântica — ação/agência versus aparência/posição — não se restringe ao plano lexicográfico, mas encontra forte ressonância nas narrativas culturais amplamente difundidas, especialmente nas produções da indústria cinematográfica. Nesse contexto, as narrativas da Disney configuram-se como um espaço privilegiado de circulação e estabilização desses sentidos ao longo do tempo.

Nas produções clássicas, consolida-se um modelo narrativo em que a princesa é representada como figura passiva, associada à espera, ao cuidado estético e à dependência afetiva, enquanto o herói assume o papel de agente da ação, responsável pela resolução dos conflitos e pelo desfecho da narrativa. Tal configuração dialoga com a noção de masculinidade hegemônica (Connell, 2016), ao mesmo tempo em que reforça formas de feminilidade vinculadas à passividade.

À luz de Butler (2003), essa recorrência pode ser compreendida como efeito da performatividade de gênero, uma vez que a repetição desses modelos contribui para a naturalização de papéis sociais distintos. Ainda que produções mais recentes apresentem deslocamentos — com personagens femininas mais autônomas —, permanecem traços

simbólicos que associam o universo feminino a padrões estéticos e emocionais, evidenciando a persistência desses imaginários.

Essa dinâmica torna-se ainda mais complexa quando analisada sob a perspectiva interseccional de Davis (2016), já que os modelos de “princesa” frequentemente privilegiam padrões eurocêtricos de beleza e status, contribuindo para a exclusão simbólica de meninas racializadas e de classes populares.

Diante desse cenário, a articulação entre análise lexical, teoria crítica e prática pedagógica revela-se fundamental. Como propõe hooks (2000), a educação pode constituir-se como espaço de resistência, capaz de questionar discursos naturalizados. O trabalho com a polissemia de termos como “princesa” e “herói” em sala de aula permite evidenciar o caráter ideológico da linguagem, deslocando os estudantes de uma postura passiva para uma leitura crítica.

Propostas pedagógicas que envolvam reescrita de narrativas, inversão de papéis ou ressignificação de termos — como a reconstrução da “princesa” como sujeito de ação — contribuem para desestabilizar sentidos cristalizados. Nesse movimento, conforme destaca Chamorro (2020), o letramento feminista atua como prática de transformação, ao compreender a linguagem como espaço de disputa simbólica.

Com isso, a articulação entre análise lexical e leitura crítica dos discursos permite avançar para um horizonte pedagógico mais propositivo. Se, por um lado, a polissemia evidencia como os sentidos se constroem e se estabilizam socialmente, por outro, abre possibilidades concretas de intervenção no espaço escolar.

Nesse contexto, torna-se pertinente deslocar o foco da descrição para a ação educativa, refletindo sobre estratégias que possibilitem a problematização desses significados em práticas de ensino. É nesse movimento que o letramento feminista se apresenta como um caminho teórico-metodológico relevante, ao promover uma abordagem crítica da linguagem e de seus efeitos sociais. A seguir, discute-se como essa perspectiva pode contribuir para a construção de uma educação linguística comprometida com a equidade e a transformação social.

## **5 Letramento feminista e educação linguística crítica**

Diante do poder das narrativas da Disney na formação de imaginários infantis, o letramento feminista configura-se como uma estratégia pedagógica fundamental para a

construção de uma educação linguística crítica, capaz de desconstruir estereótipos de gênero naturalizados pela polissemia de termos como “princesa” e “herói”.

A influência das narrativas culturais na constituição de identidades sociais exige práticas educativas que ultrapassem a mera reprodução de conteúdos e promovam a problematização dos discursos. Nesse sentido, hooks (2000) defende o feminismo como luta contra o sexismo e as estruturas de dominação, compreendendo a educação como prática da liberdade capaz de desenvolver ferramentas analíticas para o enfrentamento de estruturas opressoras. Angela Davis (2016), ao introduzir a noção de interseccionalidade, amplia essa reflexão ao evidenciar que tais narrativas também operam na exclusão simbólica de meninas racializadas e de classes populares, reforçando padrões restritivos de representação.

Nesse contexto, a análise lexical apresenta-se como um ponto de partida potente para a prática pedagógica. O trabalho com a polissemia (Pietroforte; Lopes, 2004) de “princesa” — associada a dimensões institucionais e estéticas — em contraste com “herói” — vinculado a sentidos mitológicos e de ação — permite evidenciar assimetrias semânticas que naturalizam modelos de feminilidade passiva e masculinidade ativa. À luz de Butler (2003, p. 147), segundo a qual “não existe gênero anterior aos atos discursivos que o constituem”, tais sentidos podem ser compreendidos como construções sociais reiteradas pela linguagem, passíveis de questionamento e ressignificação no espaço escolar.

A partir dessa perspectiva, práticas pedagógicas que promovam a intervenção crítica sobre a linguagem tornam-se essenciais. Atividades como o mapeamento semântico coletivo, a análise de usos em diferentes contextos e a reescrita de narrativas possibilitam aos estudantes problematizar os sentidos cristalizados. A inversão de papéis — por exemplo, ao reconstruir a figura da “princesa” como sujeito de ação ou ao deslocar o “herói” de sua centralidade — contribui para desestabilizar padrões normativos e ampliar possibilidades de identificação. Além disso, a abordagem interseccional, ao analisar personagens como Tiana, permite discutir as relações entre gênero, raça e classe, aprofundando a leitura crítica das narrativas culturais (Davis, 2016). Como destaca Chamorro (2020), tais práticas transformam a linguagem em instrumento de justiça social.

Do ponto de vista dos efeitos pedagógicos, Jordão (2013), ao discutir as relações entre abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico, indica que essa abordagem contribui significativamente para o desenvolvimento da consciência linguística dos estudantes, ampliando sua capacidade de reconhecer os sentidos como construções sociais. A análise de produções culturais contemporâneas, como o filme *Frozen*, por

exemplo, permite explorar tensões entre discursos de autonomia feminina e a permanência de estruturas heteronormativas, evidenciando a complexidade dos processos de significação.

Eventuais críticas que apontam para uma suposta “ideologização” do ensino desconsideram que toda prática educativa envolve escolhas discursivas e valores. Nesse sentido, como argumenta hooks (2013), uma educação comprometida com a equidade não impõe ideologias, mas amplia possibilidades de leitura do mundo. Ignorar os estereótipos presentes nas narrativas culturais não configura neutralidade, mas contribui para a manutenção de desigualdades historicamente construídas.

Dessa maneira, ao evidenciar o potencial transformador da educação linguística ancorada no letramento feminista, torna-se possível compreender que a problematização dos usos da linguagem ultrapassa o espaço da sala de aula e alcança dimensões mais amplas da vida social. Os sentidos analisados ao longo deste estudo apontam para a necessidade de repensar práticas pedagógicas e discursos naturalizados, reforçando o compromisso da educação com a formação crítica dos sujeitos. À luz dessas reflexões, o tópico a seguir apresenta as considerações finais, retomando os principais achados da pesquisa e destacando suas contribuições para o campo da educação linguística e dos estudos de gênero.

## **6 Considerações finais**

A análise desenvolvida neste estudo permitiu confirmar que as palavras “princesa” e “herói” não se configuram apenas como unidades lexicais polissêmicas, mas como dispositivos simbólicos que participam ativamente da construção e da manutenção de imaginários sociais de gênero. Ao evidenciar que tais termos se organizam em torno de eixos semânticos distintos — ação e protagonismo, no caso de “herói”, e aparência e posição, no caso de “princesa” —, a pesquisa demonstrou que a polissemia não opera de forma neutra, mas se inscreve em estruturas ideológicas que naturalizam desigualdades.

A articulação entre análise lexical, teoria feminista e leitura crítica de narrativas culturais revelou que a linguagem atua como um mecanismo de reprodução de normas sociais, reiterando papéis de gênero por meio de usos aparentemente cotidianos e naturalizados. Nesse sentido, as narrativas da Disney foram compreendidas como espaços privilegiados de circulação desses sentidos, contribuindo para a consolidação de modelos de masculinidade e feminilidade que, embora historicamente construídos, tendem a ser percebidos como naturais.



Ao mobilizar contribuições de bell hooks, Judith Butler, Angela Davis e Raewyn Connell, o estudo evidenciou que tais representações não apenas reforçam a oposição entre agência masculina e passividade feminina, mas também se articulam a outras dimensões de desigualdade, como raça e classe, ampliando os efeitos de exclusão simbólica. Desse modo, a investigação reafirma que o léxico, longe de ser um sistema neutro, constitui um espaço de disputa ideológica no qual se produzem e se legitimam formas de ver e organizar o mundo.

Diante desse cenário, o letramento feminista emerge como uma proposta pedagógica fundamental para o ensino de língua portuguesa, ao possibilitar a problematização crítica dos sentidos linguísticos e de suas implicações sociais. Ao trabalhar a polissemia de termos como “princesa” e “herói”, a educação linguística pode deslocar os estudantes de uma postura de consumo passivo para uma posição ativa de análise e reflexão, promovendo o desenvolvimento de uma consciência crítica acerca da linguagem.

Mais do que ampliar o repertório semântico dos alunos, trata-se de favorecer a compreensão de que os sentidos são construídos historicamente e socialmente, podendo, portanto, ser questionados e transformados. Nesse movimento, a sala de aula deixa de ser apenas um espaço de transmissão de conteúdos para se constituir como um espaço de intervenção simbólica, no qual a linguagem é compreendida como prática social e instrumento de transformação.

Assim, este estudo contribui para o campo dos estudos da linguagem ao evidenciar a relevância da articulação entre semântica lexical e letramento feminista, apontando caminhos para uma educação linguística comprometida com a equidade e a justiça social. Ao reconhecer a polissemia como lugar de disputa de sentidos, emerge a possibilidade de reconfigurar discursos, ampliar representações e construir práticas pedagógicas que desafiem os limites impostos por imaginários tradicionais.

Em última instância, pensar o ensino de língua portuguesa a partir dessa perspectiva implica assumir que educar linguisticamente é também educar para a crítica, para a consciência e para a transformação. Nesse sentido, como propõe hooks (2013), a educação que se pretende emancipatória não apenas ensina a ler palavras, mas a ler o mundo — e, sobretudo, a reescrevê-lo.

## **INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES**

## CONFLITO DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesses, nem por interesses financeiros, nem por relações pessoais que poderiam ter influenciado o estudo relatado neste artigo.

## DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não se aplica, uma vez que este estudo possui caráter teórico e não utiliza dados empíricos.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Chapecó: Argos, 2003. [Orig.: 1990]

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAMORRO, P. **Letramento feminista na escola: práticas críticas para a educação**. São Paulo: Summus, 2020.

CONNELL, R. **Masculinidades**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2007.

hooks, b. **O feminismo é para todo mundo: apaixonado e comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2000.

hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

JORDÃO, C. M. Abordagem comunicativa, pedagogia crítica e letramento crítico: farinhas do mesmo saco? In: ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. (org.). **Língua estrangeira e formação cidadã: por entre discursos e práticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 69-90.

MICHAELIS. **Dicionário Michaelis da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2026. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MOURÃO, L. **Semântica cognitiva e léxico**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2018.

PAES DE BARROS, M. C. **Léxico e ideologia**. São Paulo: Parábola, 2015.

PIETROFORTE, A. V. S.; LOPES, I. C. In: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística II**. São Paulo: Ática, 2004.

PRIBERAM. **Dicionário Priberam da língua portuguesa**. Lisboa: Priberam, 2026.  
Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 2 fev. 2026.